

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 56 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1173	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	30 de Julho de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Estrangeiro e India.....	3\$000	1\$500	650	120		

OURIVESARIA PORTUGUÊSA



BAIXELA DE PRATA OFERECIDA AO EX-GOVERNADOR DE MOÇAMBIQUE, SR. FREIRE DE ANDRADE, EXECUTADA NOS «ATELIERS» DOS SRS. LEITÃO & IRMÃO

CHRONICA OCCIDENTAL

Afóra a Constituição do Estado que, neste momento se está discutindo na Assembleia Constituinte, nenhuma outra questão se apresenta que mais interesse o publico do que a indisciplina social que mais tem vindo afirmando-se desde a revolução, como é natural, e que de alguma forma se está refletindo na inquebrantavel disciplina militar.

E' um facto comprovado, que levou o governo a fazer expedir, pelo ministerio da guerra, uma circular a todos os comandantes das divisões militares, no sentido de manter a tradicional disciplina do exercito portuguez, uma das suas maiores glorias.

E' essa circular de palpitante interesse, e por isso não é muito que a chronica lhe ceda o seu lugar, passando a transcrevel-a na integra:

«As revoluções de caracter politico, por mais nobres que sejam os seus intuitos e por maior generosidade que mirem os seus fins, produzem sempre, em todos os organismos das sociedades em que actuam, uma convulsão intensa que vae

perturbar temporariamente toda a sua vida social e economica.

A revolução de outubro de 1910, tão heroica e gloriosa e da qual resultou o memoravel facto — a proclamação da Republica Portuguesa, — não obteve portanto subtrahir-se a essa fatal lei sociologica, apesar do aspéto cheio de magnanimidade que apresentou e não obstante o procedimento inexcedivelmente humanitario e elevado que seguiu. Assim é que a par das conquistas, melhoramentos e progressos realizados, teve como uma das suas resultantes, felizmente das de menor intensidade, uma certa indisciplina social da população portuguesa e consequentemente um certo afrouxamento na disciplina militar.

Ainda que seja para lastimar, não é censuravel a anormalidade que se tem notado na disciplina militar, visto ter sido motivada tão sómente pela força das circunstancias e pelas consequencias naturaes dos acontecimentos politicos e nunca pelo proposito ou desejo dos officiaes e mais graduados, que, orientados sómente pela fé patriótica, dedicação á Republica e amor ás instituições militares, sempre procuraram manter no exercito aquella disciplina, rectidão, ordem e austeridade que são a base primordial do respeito e prestigio da força armada.

Cessaram, porém, todas as causas que temporariamente perturbaram a vida social e economica do nosso país, terminou o periodo dictatorial do governo provisorio, funciona com regularidade a Assembleia Nacional Constituinte, razões estas porque a bem dos supremos interesses nacionaes é necessario e inadiavel que sob todos os aspéto e debaixo de todos os pontos de vista a normalidade se estabeleça na sociedade portuguesa e consequentemente que o afrouxamento da disciplina militar desapareça de uma forma completa e terminante, visto que já nada o justifica nem o defende, a não ser uma demasiada fraqueza ou uma exagerada benignidade.

Torna se forçoso e indispensavel que a bem do país, em proveito do bom nome do exercito e nunca esquecendo os principios democraticos e de justiça que orientam o governo da Republica, a disciplina militar se restabeleça de um modo firme e proficuo, pelo que chegou o momento em que é preciso e urgente que os officiaes, sargentos, cabos e soldados se compenetrem bem de quaes as suas obrigações e deveres e que todos façam os exigidos esforços, envidem toda a boa vontade e empreguem a mais devotada fé patriótica para que uma absoluta ordem e consciente disciplina se estabeleçam em todos os assuntos mi-

litares e assim o fim que se tem em vista seja alcançado suave e rapidamente e da forma mais radical e completa que seria para desejar.

Sua ex.^a o ministro da guerra ao commando dará todo o seu apoio para que a doutrina expandida se cumpra radical e completamente e espera que tudo se obtenha sem ser necessario empregar medidas de demasiado rigor, o que não obsta contudo a que esteja na disposição de se utilizar de todos os poderes que a legislação em vigor lhe faculta para o restabelecimento pronto da ordem e da disciplina, não hesitando empregar os meios ao seu alcance por mais energeticos que sejam, quando veja ser necessario para que o fim desejado se torne uma realidade.

E' obvio que s. ex.^a o ministro da guerra ao mesmo tempo que a todos os militares exercendo todas funções de commando ou de direcção dará o maximo apoio, tambem a elles exigirá absoluta responsabilidade pelo não cumprimento do recommendado e disposto n'esta circular.

Em harmonia com o que fica exposto, s. ex.^a o ministro da guerra determina:

1.^o Que seja desde já cohibido que as praças do exercito a propósito de tudo cantem a *Portuguesa* e quaesquer outras canções patrióticas, pois o abuso d'esses cantos não só lhes tira o respeito e acatamento que sempre devem merecer, como tambem occasiona que nos momentos solemnes não exerçam no espirito do soldado aquella commovente impressão que sempre devem causar.

2.^o Que pela acção benéfica que exerce no moral das tropas haja em todos os regimentos orpheons, que dentro dos quartéis, em occasião de grandes solemnidades e nas marchas para o inimigo entoem hymnos e cantos patrióticos.

3.^o Que as tropas nas fronteiras mantenham sempre o garbo, a attitude e a galhardia que lhes são attinentes e que seja expressamente prohibido ás praças n'essas occasiões empunharem bandeiras nacionaes ou conduzirem outro qualquer artigo que não pertença ao seu armamento ou equipamento.

4.^o Que nos tres primeiros sabbados a partir da recepção d'esta circular, em todas as unidades se realizem formaturas geraes afim de que officiaes nomeados pelos respectivos commandantes façam ás praças conferencias sobre o culto da bandeira, explicando-lhes o que representa, o respeito que é devido, a veneração que merece, o quanto n'ella ha de elevado e glorioso, que não permite seja desfraldada senão em occasiões solemnes e sempre cercada do acatamento e das honras, que se lhe devem consagrar.

5.^o Que se faça cumprir rigorosamente o que se acha legislado sobre atavio e uniformes de todas as praças e officiaes do exercito a fim de que, quer em formaturas, quer fóra dos actos de serviço, todos se apresentem sempre com aquella uniformidade, decencia e compostura, que são a caracteristica de militares modernos, disciplinados e com dedicação profissional.

6.^o Que, cumprindo-se tudo quanto se acha determinado sobre instrucção se executem exercicios tacticos o mais amiudadamente possivel, pois são uma boa escola de energia e caracter, habituam mais que qualquer outra instrucção á iniciativa rapida do commando e á obediencia prompta do subordinado, e além d'isso mostra ao soldado o papel importante que o official e o sargento desempenham no combate, de onde resulta racional e convincente respeito e dedicação pelo superior.

O ex.^{mo} ministro da guerra, que sabe ser esta circular integralmente cumprida e como tem a firme opinião de que a sua doutrina ha de exercer uma acção benéfica e proficua no exercito, espera que em breves dias, sob o ponto de vista da disciplina, ordem e instrucção, a normalidade esteja estabelecida em todo o exercito nacional. Reserva-se, contudo, o direito de apreciar a forma como foi executada, bem como dos resultados colhidos e chamar á responsabilidade todos aquelles que a qualquer determinação não tenham dado exacto cumprimento.

Certamente não terá, porém, senão que louvar, pois como a experiencia sempre lhe tem demonstrado, conta com o amor profissional e com a dedicação de todos pela Patria e pela Republica. — *Alfredo Ernesto de Sá Cardoso.*

Ourivesaria Portuguesa

Baixela de prata oferecida ao ex-governador do Moçambique sr. Freire de Andrade

Nos ultimos dias esteve exposta na ourivesaria dos srs. Leitão & Irmão, no largo das Duas Igrejas, uma sumptuosa baixela em prata, executada nos *ateliers* da dita ourivesaria, e que é mais uma obra de arte que vem juntar-se a muitas outras ali produzidas, de que o OCCIDENTE se tem occupado, como repositario que é da vida portuguesa, em todas as suas manifestações e especialmente no que 'respeita ás coisas de arte.

Nestes casos está a baixela de que vamos tratar, uma baixela modelo de puro estilo, denominado *D. João V*, consequencia do *barôco* italiano modificado pelos francezes que, no seculo xviii levaram a influencia do seu *rocaille* a todo o mundo, e que entre nós foi introduzido pelo rei magnifico para a execução dos seus projetos grandiosos, como a celebre Patriarcal de Lisboa, que um incendio devorou completamente, o colossal mosteiro de Mafra, a capela de S. João Baptista, em S. Roque e outras de menos vulto mas sempre com o cunho da magnificencia real.

A ourivesaria foi um dos ramos da arte que mais se distinguiu e, quer nas alfaias do culto, quer nas baixelas dos poderosos ou nos salões da nobreza ella deixou documentos valiosos.

Veiu, porém, a decadencia com que todas as artes sofreram e a da ourivesaria portuguesa perdeu muito do seu antigo esplendor, confundindo-se estilos ou melhor não os havendo, a não ser nas filigranas caracteristicamente portuguesas, e mais ao alcance do povo, porque outras obras não havia quem as encomendasse. Contudo existiam no país ainda elementos de produção artistica que não se deviam perder, como eram lavrantes e cinseladores, que convenientemente aproveitados e dirigidos, continuariam as gloriosas tradições da ourivesaria portuguesa.

Fôram os srs. Leitão & Irmão que tentaram e, com notavel exito, o renascimento e assim desde 1888, em que nesta revista se registrou uma das suas obras mais primorosas, qual a do calix de missa oferecido por D. Luis I ao Papa Leão XIII por occasião do seu jubileu, tem successivamente vindo apresentando trabalhos notabilissimos, como o que expoz agora, da baixela oferecida ao sr. Freire de Andrade, pelos habitantes da provincia de Moçambique.

A baixela é, como dissemos, de puro estilo *D. João V*, muito sobrio em seus motivos decorativos, de rara beleza e perfeitamente homogéneo, reservando, por assim dizer, para esta baixela, um tipo inconfundivel de todas as suas peças, em numero de cincoenta e quatro, em que se contam candelabros, pratos cobertos, e outros de serviço, jogos de travessas, salvas e bandejas, fruteiras, terrinas, geleira, leiteira, bules, cafeteira, assucareiro chaleira, *bomboniere*, faqueiros e um centro de mesa com floreira, tendo nas duas faces principaes, entre graciosos trechos decorativos, os braços de armas de Moçambique e de Lourenço Marques, e gravado em volta da base a seguinte legenda: *Ao seu governador geral, Alfredo Augusto Freire de Andrade, oferece, como preito ao seu talento e ás suas virtudes, a provincia de Moçambique.*

Os primores de cinsel que se admira em todas as peças, mal os pôde a gravura reproduzir, no tamanho a que está reduzida, entretanto nella se pôde apreciar as linhas geraes do bello desenho desta baixela, em que se empregaram cem kilos de prata e foi executada no curto praso de cinco mezes, o que prova os recursos artisticos da casa Leitão & Irmão de uma fórmula incontestavel, e contudo o custo deste importante trabalho limitou-se a pouco mais de cinco contos de réis, produto da subscrição, o que, se pagou o mesmo trabalho material, não inclue seguramente o seu valor estimativo, como uma obra de arte.

Esta valiosa baixela foi encomendada, em nome dos habitantes da provincia de Moçambique, por uma comissão de portuguezes e estrangeiros ali residentes, composta dos srs. dr. Angelo Ferreira, S. Goldsbury, João José Machado, A. Teixeira Mendes, Alberto Guedes, W. Chalmers, Charles Wack, C. Ritchie Kennedy, T. de Mello Breyner e dr. J. Amaral Leal.

A homenagem prestada por este meio ao sr. Freire de Andrade, que tanto se distinguiu em Africa nas campanhas contra o Gungunhana, como por sua inteligencia, zelo e patriotismo, na administração superior do governo daquella provincia, é bem significativa da gratidão dos povos da grande colonia, ao seu ex-governador.

EDEN-FLORIDO

Nas caligens phantasticas do Sonho,
Quando me alvora e animador me incita,
Teu lindo rosto, pallido e risonho,

Dentro em meu peito, um loiro archanjo habita . . .
Da raiz funda da minha alma nasce
Uma harmonia célica, infinita . . .

Murmuro enxame de esperanças pasce.
Flôrem as sarças da illusão perdida . . .
Viçam-te rosas rubidas na face . . .

E eu cinjo-te, meiga, enternecida!
Longo collar de beijos . . . VII, impura.
Sentimos ciclar na Arvore da Vida,

A serpente de fogo da Loucura!

EXEGESE DO MYTHO

Sol gotteando sangue. O coração do Dia
Inda acalenta, a agonisar, as flôres e os cardos,
E lanç' iriaes benções de luz, na Samaria.

Sonha a Samaritana . . . Estremecem os n'rdos . . .
E fixa n' elle, a fonte, o olhar meditativo . . .
E fala então Jesus — junto dos cordeiros tardos:

«Afoque o mundo rude e barbaro e attivo,
«Nas fontes de Jacob da Sêde o rubro ardor . . .
«Em vão! Em vão! O ardôr da Sêde é reditivo . . .

«Sêde d'Ideal, mulher — esse terno rubôr
«Que te abraza e desvaira a alma pura e terna,
«Banha a, porém, na Fonte limpida do Amôr . . .

«Amôr — a larga Fonte duma Vida-Eterna!

(Do Evangelho da Vida, em preparação.)

ANTONIO COBEIRA.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

A 27 de abril partimos ás 9 horas da manhã em companhia de seis officiaes e aspirantes e do Consul de Portugal para a cidade de Sacramento, capital do Estado da California, onde chegámos ás 12 h. e 45 m. depois de termos atravessado o rio do Sacramento no «ferry Solano», que conduziu todo o comboio.

Esperavam-nos em Sacramento uns quinze automoveis enfeitados com bandeiras americanas e portuguezas. Com uma banda á frente entrámos na cidade e percorremos a rua principal, seguindo para o Hotel, onde houve uma recepção á numerosa colonia portugueza. Servido um *lunch*, percorremos a cidade, fômos ao Capitolio visitar o Governador e em companhia do Mayor vimos os pontos mais interessantes. A's 6 horas realizou-se um banquete a que assistiram umas cem pessoas, entre ellas o Governador do Estado da California.

Regressámos a S. Francisco ás 10 h. e 45 m. da noite. Houve n'esta noite, no theatro Oakland, uma recita pelas praças do *S. Gabriel*.

No dia 28 esteve a bordo o Ministro de Portugal, Visconde d'Alte, a quem offereci um almoço a que assistiram o Vice-consul de Portugal M. T. Freitas, etc. De tarde, acompanhado pelo Ministro, fui a Oakland e S. Leandro visitar as principaes sociedades portuguezas. A noite realizou-se um jantar no Palace Hotel, offerecido pelo Visconde d'Alte, ao qual assisti com dois officiaes. Visitei o cruzador *Albany*, chegado de Panamá. Realizou-se n'esse dia uma subscrição para levar a effeito uma exposição em S. Francisco, quando se abriu o Canal de Panamá. Em duas horas foram subscriptos mais de quatro mil contos de réis.

Parti ás 9 h. e 40 m. do dia 29, acompanhado por alguns officiaes, em tres automoveis embandeirados, para percorrer os campos do sul e leste da bahia, quasi todos pertencentes e cultivados por portuguezes. A t' hora foi-nos offerecido um *lunch* no Hotel «Vendome», na cidade de S. José. Em Milpitas, falámos a muitos portuguezes e em Centerville tivemos uma sympathica recepção pelos alumnos dos dois sexos que ali frequentam a escola primaria (grammar school). São quasi todos filhos de portuguezes, em numero de 260. Em frente da Escola, entre duas grandes ban-

Na guerra do amor, a fuga é uma victoria.

PETRARCA.

O amor é a occupação dos desoccupados.

DIóGENES.

deiras portugueza e americana, estavam os alumnos formados, tendo na mão ramos de flores para nos oferecer. Cantaram uns cânticos e fizeram, as pequenas, gymnastica sueca. A maioria d'elles não comprehendem o portuguez. A pedido do professor, fiz-lhe um pequeno discurso em inglez, contando-lhes os feitos dos nossos antigos nave-

Faltaram á sahida 17 praças, o que me não admirou, pois a California é, segundo ali se diz, o paiz «where the poorest live in abundance».

Mettemos 180 toneladas de carvão «Comox» da British Columbia, o melhor que havia no mercado, ao preço de 10,25 dollares por tonelada f. a. s., fornecido pela casa Dodwell & C., para

Arcturus, Sirius e Benetnasch, e soltámos o rumo para o novo bom farol de Makapu, que era avisado pela prôa ás 2 h. e 25 m. da manhã de 10. A's 4 h. e 40 m. determinou-se a longitude por uma altura do cometa de Halley, servindo-nos das Ephemerides tiradas do n.º 4379 do jornal *Astronomische Nachrichten*, que nos deu a distancia exacta á terra. Ao amanhecer via-se perfeitamente a ilha, ao longo da qual navegámos muito de vagar para não chegar demasiado cedo. A's 7 horas, pelo telegrapho, communicámos ao nosso consul que chegaríamos ás 11 da manhã. Fóra do porto de Honolulu esperava-nos os vapores *Kinai* e *Intrepid*, cheios de portuguezes, aos quaes se foram pouco a pouco reunindo embarcações de gazolina e de véla.

Fóra da boia do canal de entrada recebemos o pratico e a visita de saude, salvámos á terra e ao almirante Rees e pouco depois das 11 horas amarrámos á United States Naval Wharf n.º 3.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



O CAPITÓLIO NA CIDADE DE SACRAMENTO

gadores. De Centerville seguimos para S. Leandro, onde visitámos a séde da União Portugueza, sociedade de beneficencia que conta mais de 9.000 socios e que já distribuiu mais de mil contos. Regressámos a bordo perto das 8 horas da noite, tendo percorrido mais de 200 kilometros.

No dia 30 convidei alguns portuguezes a almoçar e fui de tarde visitar as grandes propriedades e pastagens que o presidente da comissão, M. T. Freitas, possui em S. Raphael, ao norte da bahia. A' noite realisou-se um baile no Key Route Inn, em Oakland, oferecido pelas senhoras portuguezas aos officiaes do *S. Gabriel*.

A's 10 h. e 20 m. da manhã do dia 1 partiu o Ministro de Portugal para Washington. Ao meio dia offereci um almoço aos membros da comissão de recepção do *S. Gabriel* e ás 2 horas suspendemos e começámos a navegar para a

quem tínhamos uma recommendação de Londres e que foi quem nos fez mais vantajosa proposta.

Fóra da barra de Golden Gate soltámos o rumo para Honolulu, navegando pelo circulo maximo.

O governo americano offereceu-nos uma colleção das suas boas cartas de ventos e correntes do Pacifico e todas as mais modernas informações hydrographicas sobre as ilhas de Hawai.

Até ao dia 5 tivemos ventos fracos e bonançosos do quadrante NW. N'aquelle dia, porém, começou a soprar NNW muito fresco acompanhado por vezes de aguaceiros, que levantando vaga, pelo travez, fazia o navio dar grandes balanços e enxovalhar-se com a agua que, batendo no reducto de ré, cahia dentro.

Como diz o proverbio allemão «Die Zeit bringt Rosen», o dia 8 amanheceu com vento á pôpa

Os funeraes de D. Maria Pia de Saboya (1)

A imprensa italiana referiu-se com palavras de grande sentimento á morte de D. Maria Pia de Saboya, fazendo justiça aos seus grandes dotes de coração e ao muito que física e moralmente soffreu nos ultimos annos da sua vida. Assim, um jornal de Napoles, cidade onde a exilada rainha tinha estabelecido sua residencia, escreve: «Toda Napoles chora sinceramente o falecimento da unica filha sobrevivente de Victor Manuel II, e na sua dôr só tem uma consolação: ter a certeza de que a respeitavel dama que hoje é morta, encontrou o termo de uma vida de insuportavel sofrimento.»

Tem sido muito apreciada tambem na Italia a attitude da imprensa portugueza perante a morte de D. Maria Pia, assim como a resolução do governo portuguez se fazer representar nos funeraes, pelo seu encarregado de negocios, em Roma, sr. Lambertini Pinto, o que muito cativou o rei Victor Manuel, que exprimiu ao nosso representante, seu reconhecimento por esse facto assim como pela manifestação de pesar votada pela Assembleia Constituinte.

Após a morte de D. Maria Pia, foi o cadaver vestido com uma tunica de seda branca, muito simples, e encerrado em uma urna forrada de carmezim, com argolas de bronze e com uma chapa do mesmo metal em que foi gravada a data do nascimento e morte da desditosa princesa da casa de Saboya.

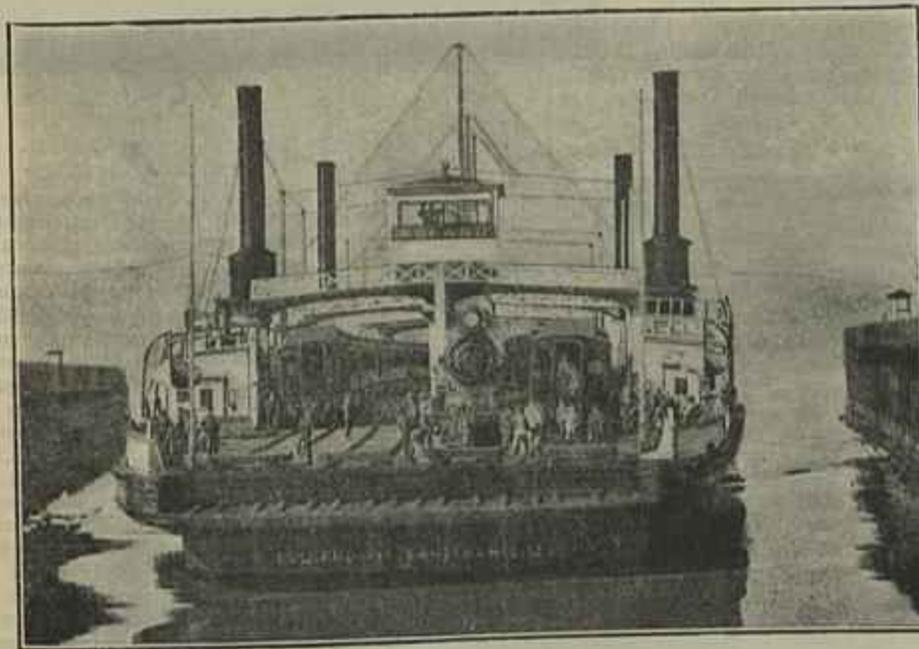
Assim disposto o cadaver, foi transportado para uma das salas do Castello, servindo de camara ardente, onde durante duas noites e dois dias, quatro irmans de caridade o velaram, assim como a rainha Margarida e a sr.ª D. Amelia, alternando-se com outras pessoas da côrte.

Durante esses dias receberam-se centenas de telegramas de pesames no Castello de Stupinigi, e entre elles um do Papa dirigido á ex-rainha D. Amelia, elogiando as virtudes de D. Maria Pia de Saboya.

No dia 7, á noite, foi preciso injectar o cadaver com desinfetantes, sendo encerrada a urna, acto a que assistiu o rei Victor Manuel e a rainha Helena e mais membros da familia real.

Os funeraes realisaram-se no dia 8 do corrente, sahindo, pela 1 hora da tarde, o cortejo funebre do Castello de Stupinigi, indo o corpo num rico coche dourado com relevos de aguias, vindo expressamente do palacio real de Florença. Atravez dos grandes vidros do coche via-se a urna que conduzia os restos da desditosa princesa de Saboya.

O cortejo abria por uma guarda de gendarmes a cavallo e um esquadrão de cavalaria escoltava o coche, seguido de outro em que ia o duque do Porto.



O «FERRY SOLANO» DE SAN FRANCISCO CONDUZINDO UM COMBOIO NO RIO DE SACRAMENTO

barra. Fômos até Golden Gate, isto é, durante mais de uma hora acompanhados por seis vapores cheios de portuguezes, com os quaes trocámos entusiasticas saudações. Pelos jornaes portuguezes que se publicam na California poderá V. Ex.ª avaliar o bom effeito que produziu a visita do *S. Gabriel* a S. Francisco.

e maré de rosas. Ao amanhecer communicámos pelo telegrapho com o grande paquete japonês de turbinas *Chiyo Maru*, pertencente á Companhia Toyo Kisen Kaischa, que de S. Francisco seguia para Honolulu.

Ao anoitecer do dia 9 determinámos um ponto muito exacto pelas alturas das estrellas Regulus,

(1) No artigo *D. Maria Pia de Saboya*, publicado em o numero antecedente, disse-se, por um lapso de memoria na precipitação da escrita, que a princesa Clotilde fóra ex-imperatriz dos francezes, quando ella era prima do ultimo imperador Napoleão III, por ter sido casada com o principe Napoleão Bonaparte, mais conhecido por Jeronimo Bonaparte, do quem era filho, o qual foi expulso, bem como toda a familia Bonaparte, do territorio francès, em 1880, como pretendente ao derrubado trono de França, e que veio a falecer em Roma a 17 de março de 1891.

Fica assim feita a competente retificação.

Os funeraes de D. Maria Pia de Saboya

Seguiam-se outros coches com padres, pessoas da cõrte, incluindo as comitivas do rei Victor Manuel, rainhas Helena e Margarida, e principes da casa de Saboya. Muitos automoveis conduzindo corõas, devendo notar-se uma grande corõa de gardenias enviada pelo Imperador Guilherme II, e outra do governo da Republica Portuguesa.

Outro esquadrão de cavalaria fechava o cortejo, que no longo trajecto era aguardado pela tropa formando alas e pela multidão que se descobria respeitosa á sua passagem.

Este cortejo chegou pelas tres horas e meia da tarde, em frente da igreja da Madre de Deus, e ali, o cardeal Riche-luvy resou as absolvições e espargiu agua benta sobre o feretro.

Encontravam-se tambem no atrio da igreja o representante do governo italiano, general Spingardi ministro da guerra, os duques de Genova e de Aosta, conde de Turim, principe Udine, ministro da Austria-Hungria, principe herdeiro da Bulgaria, adido militar da legação aleman, consules da Inglaterra, França, Estados Unidos do Norte e republicas da America do Sul, etc. e o representante do governo português, sr. Lambertini Pinto.

Feita a cerimonia religiosa, o cortejo seguiu até á estação do caminho de ferro funicular, onde numa carruagem armada em camara ardente, foi colocado o feretro que conduziu para a basilica de Superga, panteon da familia real de Saboya.

Ali foi recebido por monsenhor Brielli, e se resaram os officios de corpo presente, a que assistiram os membros da familia real e pessoas que se incorporaram no prestito, depois do que foi o feretro conduzido para a cripta, nos baixos da basilica, ficando colocado proximo do do principe Eugenio de Carignan.

Singular coincidência; fõra este principe que conduziu pelo braço D. Maria Pia, na capela do palacio real de Turim, quando se realisou a cerimonia do casamento por procuração, com El-Rei D. Luiz I, como se descreveu no artigo publicado no numero antecedente. Assim se juntaram na morte os que então se haviam apartado em vida.

Não faltaram á ex-rainha de Portugal todas as homenagens a que tinha direito pela nobreza da sua estirpe e pelas virtudes que mais a distinguiram; entretanto um facto foi notado com tristeza, o de não comparecer, como se esperava, ao funeral, seu neto D. Manuel de Bragança, ex-rei de Portugal.



SÁHIDA DO PRESTITO FUNEBRE DO CASTELO DE STUPINIGI

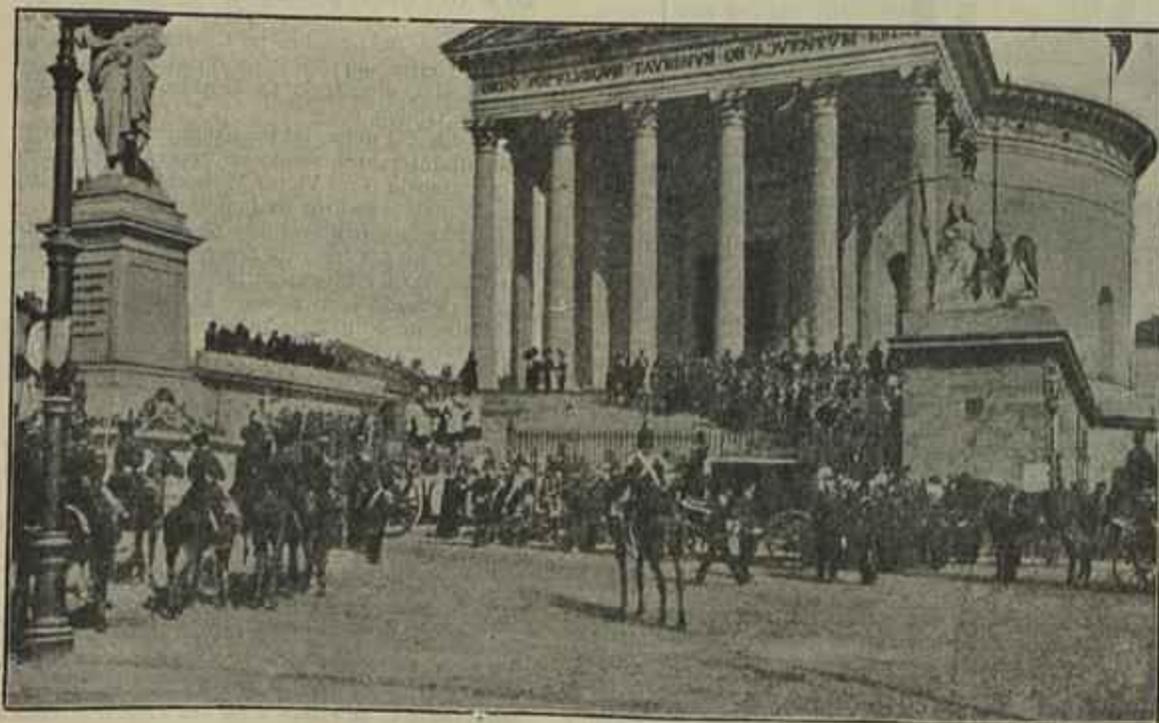
Congresso Nacional de Mutualidade

E' o mutualismo uma grande força economico-social, que os governos das nações mais adiantadas tem sempre procurado fomentar e desenvolver, constituindo assumpto de numerosos congressos em varias nações da Europa, dentre as quaes se destaca a Allemanha, Inglaterra, Italia, França e Belgica.

Portugal conheceu de ha muito as enormissimas vantagens do mutualismo, do soccorro mutuo, mas



O COCHE CONDUZINDO O FERETRO



A CEREMONIA RELIGIOSA NO ÁTRIO DA IGREJA DA MADRE DE DEUS (Da Illustrazione Italiana)

os nossos governos muito pouco ou nada se importaram com tão importante elemento de progresso social, embora as associações tivessem já ha annos entrado no campo das reclamações em verdadeiros congressos, como foram os de 1882 e o de 1906, em Lisboa, e o de 1904, no Porto, que foi o inicio de duas florescentes instituições — a *Liga das Associações do Porto* e a de *Gaya*, installada n'um soberbo edificio, com dispensario medico-cirurgico, pharmacia e caixa economica.

O congresso de 1906, de character regionalista, nomeou uma commissão executiva, presidida pelo grande escriptor mutualista e incansavel propagandista do movimento associativo — Costa Goodolphim, e secretariada por José Ernesto Dias da Silva, que naquelle congresso havia pujantemente affirmado decidida vocação para esta patriótica campanha, a que consagrou toda a energia, intelligencia e boa vontade, manifestadas no congresso levado a effeito com extraordinario enthusiasmo nos dias 18 a 22 de junho ultimo.

E' este o 1.º Congresso Nacional de Mutualismo, realisado na Sala Portugal da benemerita *Sociedade de Geographia*, com a representação de mais de trezentas associações de soccorro mutuo e de inhabilidade, com cerca de seiscentos delegados.

Congresso Nacional de Mutualidade



COSTA GOODOLPHIM


 JOSÉ ERNESTO DIAS DA SILVA
 SECRETARIO DO CONGRESSO

A sessão inaugural foi presidida pelo grande português dr. Theophilo Braga, o glorioso dirigente do movimento nacional que determinou a celebração do tri-centenario de Camões, que teve como consequencia o resurgimento patrio, affirmado no centenario de Pombal e d'ahi por diante em varias outras manifestações de actividade e civismo, até ao movimento que collocou o mestre insigne no alto logar de chefe do governo da Republica Portuguesa.

O governo estava tambem representado pelos srs. dr. Brito Camacho, ministro do fomento, dr. Bernardino Machado, ministro dos negocios estrangeiros, e José Relvas, ministro das finanças, affirmando assim o proposito, expresso simultaneamente pelo chefe do governo e pelo illustre ministro do fomento, de mostrar que o Estado em Portugal comprehende o dever de acompanhar e incitar todas as energias, systematisando-as; que o seu interesse pelo congresso é a garantia de que os votos que nelle se expressarem

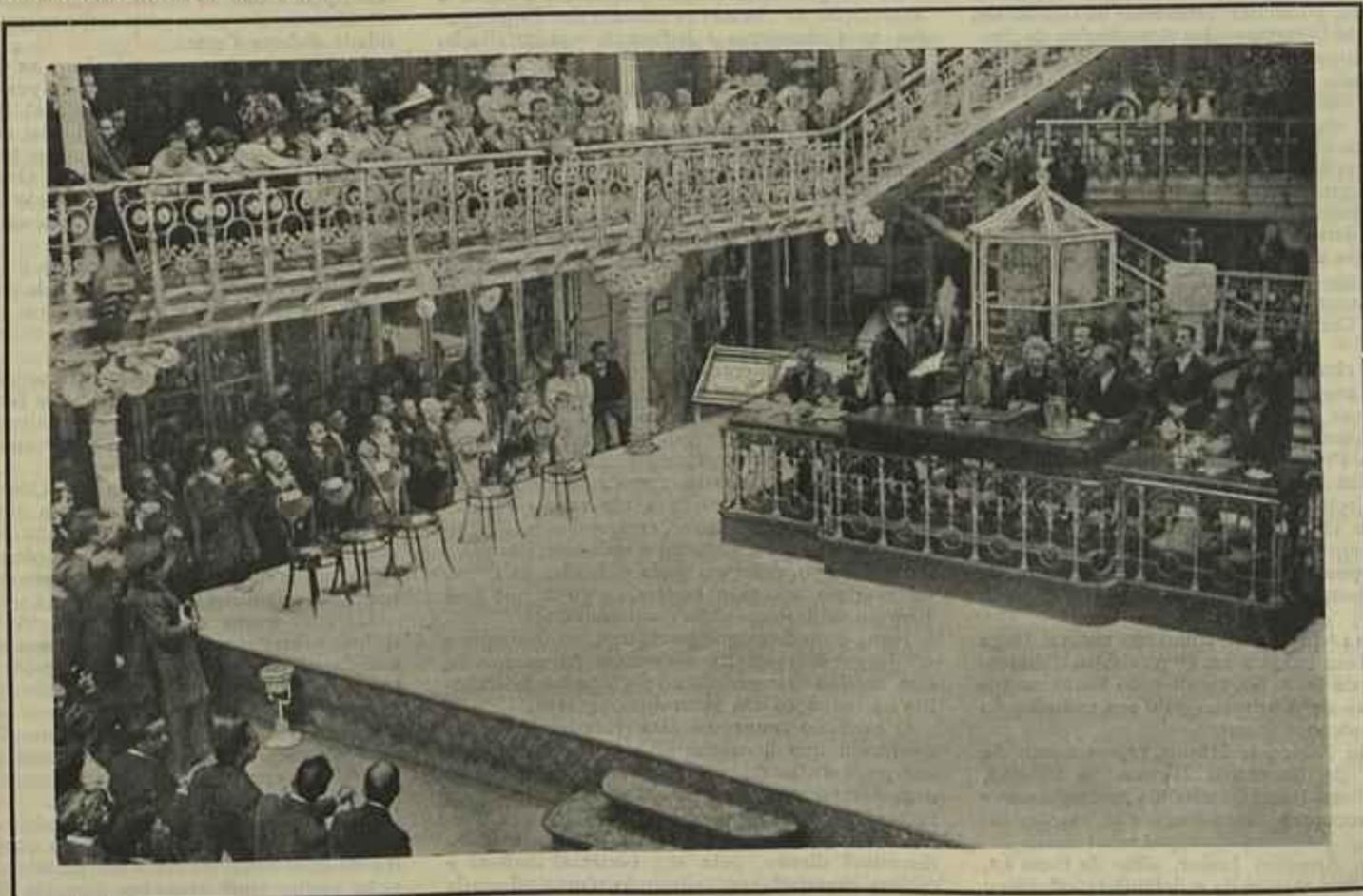
veem encontrar nas altas regiões a ponderação a que tem direito; que a questão mutualista é a questão social, considerada no seu mais interessante aspecto.

Nessa sessão discursaram tambem os srs. Martins Contreiras, sobre a importancia do congresso e do mutualismo em geral; dr. Carneiro de Moura, sobre a necessidade de se organizar uma democracia perfeita, educando os trabalhadores; Simões de Almeida, que largamente fallou da importancia do mutualismo, e, em especial, das caixas economicas escolares; Santos Pousada, em nome dos mutualistas do norte, affirmou o decidido empenho de todos em cooperar para o bom exito do congresso.

O relatorio do congresso foi lido pelo secretario geral, sr. José Ernesto Dias da Silva, que elaborou um trabalho de valor, muito elucidativo, que mereceu as mais encomiasticas referencias do presidente do governo e do illustre ministro do fomento.

A indole d'esta revista e a mesquinhez do espaço inibe-nos de apresentar as conclusões das vinte theses discutidas nas nove sessões do congresso, effectuadas, de dia, na Sociedade de Geographia, e de noite, no Theatro Nacional Almeida Garrett, theses cuja discussão despertou verdadeiro entusiasmo entre os congressistas, e relatores de larga competencia, demonstrada em trabalhos anteriores, e cuja escolha honra a comissão executiva do congresso. As theses discutidas e approvadas foram:

- 1.ª Da acção do Estado na mutualidade. Relator, dr. Armelim Junior, advogado e publicista.
- 2.ª Da acção da mutualidade na aquisição das subsistencias.—Do papel do cooperativismo. Relator, Julio Alexandre Irvin, guarda livros.
- 3.ª Do papel do mutualismo no seguro de vida. Relator, Constancio de Oliveira, director geral da fazenda municipal e thesoureiro da comissão executiva do Congresso das Associações de Soccorros Mutuos de Lisboa.



O SECRETARIO GERAL SR. ERNESTO DA SILVA PROFERINDO A ALLOCUÇÃO INAUGURATIVA DO CONGRESSO, NA SALA PORTUGAL DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

4.^a Do papel do mutualismo nos accidentes de trabalho. — Da acção do Estado no trabalho do operariado em geral. — Leis de protecção aos menores e ás mulheres, especialmente no periodo da gravidez. Relator, dr. Estevam de Vasconcellos, antigo deputado da nação e administrador da Caixa Geral de Depositos.

5.^a Da mutualidade na situação e futuro do proletariado. — Contribuição para o estudo da sua solução. Relator, Joaquim Euzébio dos Santos, secretario adjuncto da commissão executiva do Congresso das Associações de Soccorros Mutuos de Lisboa.

6.^a Do papel das caixas de seguros contra a inhabilidade. — Caixa de aposentações para o proletariado. Relator, Augusto de Castro Azevedo, do Porto, delegado ao Congresso.

7.^a Da mutualidade na assistencia ás viúvas e aos orphãos. Relator, José Ernesto Dias da Silva, antigo professor da Escola de Agricultura da Casa Pia de Lisboa e secretario geral da commissão executiva do Congresso das Associações de Soccorros Mutuos de Lisboa.

8.^a Da acção da mutualidade escolar. — Cantinas escolares. — Do papel da previdencia nas escolas. — As caixas economicas. Relator, dr. Carneiro de Moura, advogado e publicista.

9.^a Da acção da mutualidade maternal e infantil. — Creação de maternidades e dispensarios de assistencia infantil. — As gotas de leite. Relator, dr. Samuel Maia, medico e sub-delegado de saude.

10.^a Do papel da mutualidade na hygiene social. Relator, dr. Cassiano Neves, antigo deputado da nação e medico da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

11.^a Do papel da mutualidade na lucha contra o alcoolismo e a tuberculose. Relator, dr. Luiz Simões Ferreira, medico da Assistencia Nacional aos Tuberculosos e do Dispensario da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

12.^a Da acção da mutualidade contra as habitações insalubres. — Papel do cooperativismo na construcção de casas hygienicas e baratas. Relator, Mello de Mattos, engenheiro civil e chefe da secção hydraulica da direcção das obras pblias do ministerio do fomento.

13.^a Da acção da mutualidade na economia social. — Organisação das caixas economicas com serviço de emprestimos sobre penhores. Relator, Costa Goodolphim, publicista.

14.^a Da acção da mutualidade na federação dos serviços pharmaceuticos. — Liga das associações. — Das pharmacias mutualistas. Relator, Manuel José da Silva, delegado da Liga das Associações de Soccorros Mutuos do Porto e director da *Revista das Associações Portuguesas*; Costa Goodolphim, publicista, presidente da commissão executiva do Congresso das Associações de Soccorros Mutuos de Lisboa; e Jorge Boaventura, da commissão executiva do Congresso das Associações de Soccorros Mutuos de Lisboa.

15.^a Da acção da mutualidade na federação dos serviços clinicos das associações mutualistas. — Das polyclinicas. Relator, a Associação dos Medicos Portugueses.

16.^a Da mutualidade militar no nosso país. Relator, Desiderio Augusto F. de Beça, capitão do estado maior de infantaria e secretario da direcção do Monte-pio Official.

17.^a Da mutualidade maritima. Relator, Manuel J. Martins Contreiras, antigo professor e proprietario.

18.^a Da contabilidade e processo de escripturação das associações de soccorros mutuos. Relatores, Alves Pereira, guarda-livros e secretario geral da commissão executiva do Congresso Mutualista do Porto; e Antonio dos Santos Pousada, deputado ás Constituintes.

19.^a Projecto de reforma do decreto de 2 de outubro de 1896. Relator, a commissão promotora do Congresso.

20.^a Proposta para a federação nacional de soccorros mutuos. Relator, José Ernesto Dias da Silva.

A these 14.^a provocou, como era natural, larga discussão, bem como a 12.º O sr. Castro d'Azevedo, relator da these 6.^a, recebeu do Porto muitos telegrammas de felicitação pelo seu trabalho do mais vasto alcance social.

O sr. José Nunes de Mattos, representante da Associação de Soccorros Mutuos da Covilhã, apresentou uma interessantissima memoria sobre caixas de soccorros, alcoolismo e habitações insalubres.

O sr. dr. Armelino Junior, além da these 1.^a, magistralmente elaborada e defendida, offereceu alguns exemplares d'um desenvolvido estudo sobre os tres cancos que mais corroem a sociedade: o tabaco, o alcool e a avariose, chamando a

attenção do congresso para esses tres grandes flagellos da humanidade.

O sr. José Francisco Grillo, que é um activo e intelligente propugnador da agricultura, teve enese de apresentar ao congresso uma proposta para o estabelecimento do mutualismo rural, ideia que recebeu o mais franco apoio dos congressistas, tanto mais quanto era certo que no congresso se tratava de applicar o principio do mutualismo a todas as classes, inclusivè o exercito, que no sr. Desiderio Beça encontrou um excellente defensor. Os principios que defende na sua these já haviam sido consagrados na pratica, por iniciativa do actual ministro da guerra, sr. coronel Correia Barreto, que foi o presidente da sessão em que aquella these se discutiu.

A ultima sessão, realisada no Theatro Nacional Almeida Garrett, com grande concorrência, foi de homenagem aos mutualistas fallecidos e especialmente a Costa Goodolphim, cujo elogio biographico coube ao distincto causidico e eminente homem de letras, dr. Armelino Junior, que apresentou a extraordinaria personalidade de José Cypriano da Costa Goodolphim com todo o seu relevo, estudando-o sob os seus multiples aspectos de mutualista e cooperativista, de poeta, de jornalista, de republicano.

O sr. dr. Theophilo Braga presidiu á sessão, tendo feito um soberbo discurso allusivo á commemoração dos grandes propagandistas do mutualismo, em que Costa Goodolphim occupa o primeiro logar.

Ao dr. Armelino, seguiram-se: o sr. Constancio de Oliveira, que leu o elogio de Gomes da Silva, como democrata, jornalista e orador; sr. Henriques Alves dos Santos, que leu notas biographicas sobre o chorado mutualista Luis Pinto Moitinho; sr. Simões d'Almeida, que falou do culto devido aos mortos, á dupla vida dos que trabalharam por um ideal opposto ao egoismo. Falou como companheiro de todos os que ali se haviam já glorificado, e de muitos outros, taes como Francisco Gonçalves Lopes, Eduardo Coelho, José Antonio Dias, já fallecidos, e de outras reliquias do movimento associativo: Antonio Joaquim d'Oliveira, que não conseguiu arrastar-se até ali, João Joaquim Antunes Rebello, Leite Ribeiro, Caetano Alberto e outros, que lá estavam para animar os novos a trabalharem numa causa tão humanitaria e patriótica como é o mutualismo.

Encerrou a sessão final do congresso o sr. dr. Eusebio Leão, illustre governador civil, que num magnifico discurso elogiou o trabalho do sr. dr. Armelino, salientando tambem os nomes prestigiosos e queridos de Sousa Brandão, Elias Garcia, Latino Coelho, etc.

Os congressistas foram convidados a visitar a Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria, cuja installação arrancou calorosas felicitações aos srs. Simões d'Almeida e Leite Ribeiro, que muito amavel e obsequiosamente ilucidaram os visitantes sobre o movimento d'aquella prestimosa instituição.

A commissão executiva do congresso convidou tambem os congressistas a visitarem a nova sede da associação mutualista, que brevemente será inaugurada, no edificio do Amparo, á rua da Mouraria, o qual está soffrendo grandes transformações a fim de ser ampliado a dispensario medico-cirurgico mutualista. José Ernesto Dias da Silva descreveu minuciosamente as transformações effectuadas, evidenciando todo o seu empenho e rara dedicação para a realização deste grande melhoramento — que representa bem uma parte da sua laboriosa existencia, aliás ainda bem curta, pois José Ernesto é um novo, a quem o futuro sorri, na consagração justa do trabalhador incansavel, intelligente e patriota.

O congresso por varias vezes manifestou a rasgada homenagem devida a tão zeloso e activo batalhador do mutualismo, em que Costa Goodolphim via o seu continuador e defensor. Porisso a commissão o escolheu para defender as theses do saudoso amigo e mestre, cargo de que José Ernesto se desempenhou magistralmente.

Justo é tambem que ponhamos em destaque o sr. Jorge Boaventura, secretario do congresso, que revelou extraordinarias facultades de trabalho na redacção das actas do congresso.

O proximo congresso será realisado no Porto, de fórma que a capital do norte possa tributar aos mutualistas do sul as provas de cordialidade e de sympathia de que se acham possuidos, pela recepção captivante e entusiastica que aqui tiveram e a que, sem favor nem lisonja, tinham indiscutivel direito, pela sua cortezia, lhanza e optima camaradagem, vibrando n'uma só corda — a alma portuguesa.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

A PESTE

A peste é doença infecciosa, especifica, epidemica, commum ao homem e a certos animais e devido ao *bacillo de Yersin*.

I. — HISTORIA

Não ha outra doença que desde a mais remota antiguidade até hoje tenha dizimado a humanidade tão horrivelmente, não ha outra doença cujos ataques tenham sido tão bruscos, tão violentos e tão fulminantes. Muitas vezes os sobreviventes teem pensado na extinção definitiva do genero humano.

Compreende-se muito bem que taes calamidades ataquem o espirito popular de invencivel terror e produzam nas populações um estado de vertigem, de loucura, de cruel egoismo, capaz de provocar as mais inverosimilhanes superstições e os mais atrozes crimes.

Quem indagar o papel que as epidemias da peste tem desempenhado na arte ficará surpreendidissimo pelo importante numero de obras primas que o grande flagello tem inspirado a poetas, a pintores e a esculptores. O que não deve admirar sabendo-se que a peste devastou a mesma região durante dez e vinte annos; o espirito d'uma geração inteira tinha apenas esta preocupação.

A primeira epidemia de peste que a historia aponta, encontra-se relatada no *Exodo*. Em Thucydides, encontra-se a descripção da peste d'Athenas. Mais tarde, 100 annos antes de Christo, a peste d'Ephese.

No 6.^o seculo a peste devastou Peluse, donde passou a toda a Europa chegando, em Constantinopla, a 10:000 o numero d'obitos diariamente.

Do 6.^o ao 14.^o seculo a peste não deixa na historia signaes muito nitidos; mas no 15.^o seculo apparece a mais horrorosa epidemia, a qual como nenhuma outra, devastou a superficie do globo; a *morte negra*, nome que lhe davam n'aquella epocha, talvez devido a certas complicações homorrhagicas. Uma caravana de indigenas importou a peste negra das Indias para a Persia; d'aqui passou á Europa espalhando-se por todo o mundo com raras excepções como a Islandia e a Groelandia.

Hæcher e Hæser, calculam que durante a epidemia houve pelo menos vinte e tres milhões d'obitos na Europa e maior numero na Asia.

A Europa perdeu metade dos seus habitantes. E' principalmente desta epocha que datam as descripções não só historicas, mas litterarias; é n'este momento que a peste inspirou grande quantidade d'obras d'arte.

A epidemia da peste complicou-se d'uma epidemia de loucura. Enterravam-se pessoas vivas, mães comiam seus proprios filhos! Pensava-se (como ultimamente na Mandchuria) nos *semeadores da peste*; milhares de judeus foram naturalmente accusados e queimados. O papa Clemente V viu-se obrigado a publicar um breve em que declarou que os judeus estavam innocentes da propagação da peste.

A epidemia do 14.^o seculo durou dous ou tres annos com este maximo d'intensidade, mas subsistiu na Europa durante 50 a 60 annos.

No 16.^o seculo a peste atacou violentamente a Asia e a Europa.

No principio d'este seculo, em 1506, houve em Lisboa uma epidemia de peste que fez com que o rei D. Manuel 1.^o publicasse um alvará que por ser extremamente curioso o publicamos em seguida:

I. Eu El-Rei faço saber a vós Doutor Pedro Vaz do meu Desembargo que ora envio a Lisboa para proverdes no que toca á Saude da dita cidade, e estas são as penas que ordeno que hajão aquelles que incorrerem nos casos que hei por bem que sejam defezos e para bem da dita saude.

II. *Item* quem vier de fóra da cidade doente de peste metter-se n'ella ou a pessoa que a ella mandar doente que seja da dita peste, e a que a trazer, hei por bem que sendo peão seja publicamente açoutado, degradado por sete annos para a ilha de S. Thomé e se fôr Escudeiro, Cavalleiro ou Mercador e pessoa de semelhante qualidade pague cem cruzados e mais seja degradado para os logares de além por dous annos.

III. *Item*, aquelle que não descobrir o doente que tiver em casa qualquer doença que seja dentro de duas horas da hora em que adoecer, se fôr peão pague vinte cruzados, e se fôr Escudeiro, Cavalleiro, Mercador ou pessoa de qualidade pague cincoenta cruzados, e mais seja degradado um anno para além.

IV. *Item*, aquelle que fôr achado sem signal dos declarados no capitulo que hão de trazer os ministros, e sem lanterna, campainha, se fôr peão seja açoutado, e degradado para a ilha de S. Thomé por dez annos e sendo Escudeiro, Cavalheiro, Mercador, ou pessoa semelhante, seja degradado por dez annos para a dita ilha.

V. *Item*, aquelle que entrar em casa assignada por estar impedida, ou tirar o signal ordenado da porta, se fôr peão seja açoutado publicamente e pague vinte cruzados e se fôr Escudeiro, Cavalheiro, Mercador ou pessoa semelhante, pague cincoenta cruzados e seja degradado um anno para além e n'esta mesma pena, e por a dita maneira, encorra quem desferrolhar, e abrir a casa que estiver impedida.

VI. *Item*, aquelle que sahir de noite da casa impedida, se fôr peão seja açoutado publicamente, e pague vinte cruzados, e se fôr Escudeiro, Cavalheiro, Mercador ou pessoa semelhante, pague cincoenta cruzados, e seja degradado hum anno para além.

VII. *Item*, aquelle que sahir de casa dos enfermos para a Cidade, ou dos suspeitos, e convalescentes, se fôr peão seja açoutado e pague trinta cruzados, e se fôr Escudeiro, Cavalheiro, Mercador ou pessoa semelhante, pague cincoenta cruzados e seja degradado hum anno para além.

VIII. *Item*, que nenhuma pessoa possa comprar roupa velha de qualquer qualidade que seja, sem primeiro haver para isso licença de vós dito Doutor, e primeiro de lh'a dardes vos informareis se he de gente desimpedida, e sendo, dareis a dita licença, na qual declarareis a roupa, e as pessoas que são; e quem a dita roupa velha vender sem vossa licença, se fôr peão seja açoutado, e se fôr Escudeiro, Cavalheiro, Mercador, ou pessoa semelhante, pague cincoenta cruzados.

IX. *Item*, aquelle que vendeu roupa que fôsse de algum enfermo, e o encobrisse, se fôr peão seja açoutado, e degradado dez annos para a ilha de S. Thomé, e se fôr Escudeiro, Cavalheiro, Mercador, ou pessoa semelhante, pague cincoenta cruzados e seja degradado dous annos para além.

X. *Item*, o Fysico ou Sangrador, ou official da casa ordenados, que levar aos doentes mais salario do que hé ordenado, pague ao anoveado o que mais levar.

XI. *Item*, quem tirar da casa impedida roupas ou qualquer outra cousa, se fôr peão seja publicamente açoutado, e degradado dez annos para a ilha de S. Thomé, e se fôr das outras sortes pague cincoenta cruzados e seja degradado dous annos para além.

XII. *Item*, do sol posto por diante as mulheres publicas das mancebias não tenham suas portas abertas para poderem entrar os homens, com ellas sob pena de pagarem dez cruzados.

XIII. *Item*, quem quer que enterrar por si algum finado, ou mandar enterrar, sem ser no logar ordenado, e por as pessoas ordenadas, se fôr peão pague vinte cruzados, e se fôr pessoa das outras pague quarenta cruzados.

XIV. Todas estas defezas mandareis pregoar nas Praças e Lugares costumados, para que de todos seja notorio, e se não possa alegar ignorancia, e as penas do dinheiro apropriar para as despesas da casa dos doentes. — Escripção em Thomar a vinte e sete dias de Setembro. Bartholomeu Fernandes a fez de mil quinhentose seis. — Rei.

Ainda no 16.º seculo Lisboa foi atacada de peste por mais vezes, mas não posso deixar de me referir particularmente á que se deu no fim do anno de 1568 e que só se extinguiu no principio do anno de 1570. Esta peste tornou se memoravel por dous curiosos factos, pelo regresso do Oriente a Lisboa do grande poeta Luiz de Camões e pela procição da Saude que para festejar o completo desaparecimento da cruel epidemia foi feita pela primeira vez em 20 de abril de 1570 e repetindo-se d'ahi em deante todos os annos por determinação da Camara de Lisboa em 10 de abril de 1572.

A mortalidade foi enorme, escriptores d'aquelle tempo affirmam ter chegado a oitenta mil o numero das victimas.

No 17.º seculo a Russia, Constantinopla, a Dinamarca, a Alemanha, a Italia fôram successivamente visitadas. Em 1665 Londres perdeu setenta mil habitantes. Em 1680 Lisboa foi fortemente atacada pela peste, determinando a publicação do curioso alvará que em seguida reproduzimos.

Eu El-Rei faço saber aos que este Alvará virem, que vendo eu como na Cidade de Lisboa o mal de peste, de que Nosso Senhor nos guarde, hia em grande crescimento, escrevi, e mandei por minha Carta aos Vereadores e Officiaes da Camera della, que consultassem com Fysicos e Cirurgiões, se seria melhor curarem se os doentes

do dito mal em suas casas, que na Casa da Saude, pois a Cidade não podia supprir a despeza que se fazia e o mal se hia tanto e dilatando, que o que por mais votos se assentasse se cumprisse por o que os ditos Vereadores e Officiaes da Camera, todos juntos acordarão em Camera, e se assentou por a muito maior parte que se devião curar em suas casas as pessoas que para isso tiverem posse, e commodidade, por se ter entendido por experiencia que poucas das ditas pessoas forão á dita Casa da Saude, e assim todas se curarão em suas casas, e que mui poucas curadas com tempo falecião, e que sendo este mal encoberto, lavrava mais pela gente se não guardar das pessoas, e coisas que se não sabião serem impedidas, e outras pessoas por não serem levadas á dita Casa se deixavão de curar em perigo de sua vida e de outras muitas pessoas, e que muitos doentes do mal fallecião sem serem sacramentados, por o que fizerão hum Regimento que me enviarão ácerca do provimento da saude, e cura dos enfermos do dito mal para delle se haver de usar, emquanto, eu não mandar o contrario na maneira abaixo declarada.

I. — Primeiramente que haja certo numero de Fysicos Cirurgiões, além dos ordinarios, os quaes sejam selariados e possão levar dos doentes o que lhe derem por a cura, e serão obrigados o curar d'este mal aos doentes que se com elles quizerem curar, e aos de seu limite, ou que lhe o Provedor mór da Saude mandar, os quaes não poderão curar outros doentes neste tempo, nem communicar com outras pessoas desimpedidas, nem sairão de suas pousadas, nem pessoa n'ellas senão quando fôrem curar do dito mal, levando a insignia que a Cidade ordenar para serem conhecidos, e á sua porta, ou na parede d'ella terão hum signal que a Cidade mandar que se tenham nas portas das casas impedidas e não consentirão que alguma pessoa desimpedida, lhe entre em casa, e terão sempre as portas fechadas, e não se abrirão senão quando fôr necessario proverem de cousas necessarias para suas pessoas e familia.

(Continúa.)

S. A.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1172)

«Aquella esquadilha apesar de estar sobre um mar sereno, não está segura, porque de um momento para o outro pôde voltar o vento e enfurecer-se o mar, e então será impossivel abordarem á ilha. Estão jogando com a sorte, e a sorte pôde voltar-se contra elles, quando menos o esperem.

«Que vão para a ilha, onde os ridentes bosques parecem convidal-os a descansar á sua sombra, mas se tal fizerem, a mão sinistra da morte lhe tocará a fronte ou serão presas d'aquelle delirio infernal que mais terrivel é ainda.

«A sua estupidez não os deixa comprehender isto; mas a fome e a sede lhes ensinará em breve que não terão outro remedio senão ir até ali, e então verão o que lhes succede.

«Tudo isto pensava eu enquanto o bote baloiçava longe ainda da praia, e enquanto falavamos uns com os outros, de manhã, sobre o que podia occorrer dentro em poucas horas. Por muito grande que fôsse a nossa desgraça, julgo bem que a dos homens de Czerny ainda era maior.

«A's vezes divertiam-se em vêr cair as granadas no mar, em volta de nós, e o desejo de se vingarem de nós outros, fazia-lhes esquecer a situação em que se encontravam e do que os aguardaria.

«Mas o saldo de contas estava perto a chegar.

«Quando se levantasse um pouco de vento sobre o mar que então parecia um espelho,

nem todas as riquezas do mundo seriam sufficientes para resgatar a vida de Czerny, e salvava-a das garras d'aquelles lobos do mar, que lhe estavam pondo cêrco.

— «Aguentarão assim até que se encontrem em perigo grave, e então não haverá nada que os sujeite — disse eu ao meu companheiro. — E se pensarem em subir a bordo do yacht, é provavel que o levem para algum porto seguro. Mas se virem impossibilidade em o fazerem, então com certeza que assaltam a casa submarina. Devem vir desesperados e dispostos a tudo, e não haverá metralhadora que lhes metta medo. Estou pensando que o melhor que temos a fazer, é regressar á casa e não a deixar mais tempo nas mãos de rapazes inexperientes. Já fizemos tudo quanto podiamos fazer e é escusado pensar em salvar mais algum.

«Concordaram todos commigo, até o proprio capitão Nepeen, cuja opinião era de que deviamos estar junto á praia, para auxiliar os seus companheiros que ainda existissem na ilha.

— «Pelo menos, temos levado a cabo todos os esforços que a prudencia aconselha, mas ha outras pessoas que defender tambem, — disse Nepeen. — Se Czerny tivesse um artilheiro bom, já não estavamos aqui, capitão. Temos de contar com o acaso, e com a possibilidade de acertarem alguma vez no alvo.

«Pôde succeder que nos mettam alguma bala no bote. Escuso dizer-lhe o que isso significaria, porque o senhor é marinheiro como eu, e sabe-o perfeitamente.

«Estas palavras deram-nos a realidade do perigo em que nos encontravamos. Esquadrihâmos com a vista os negros bosques da ilha e da solitaria praia da terra prohibida, e não vimos nada que alentasse as nossas esperanças. Negra e terrivel, á luz da lua, que do alto lembrava um farol que se erguia sobre o mar dormente, a ilha parecia então dizer-nos:

— «Acorda-os, acorda-os, que contam com vossês para lhes dar vida.»

«Remámos, com má vontade de abandonar a ilha, mettendo direitos ao mar, e respirando soffregamente o ar que d'ali vinha, deixando para traz a nebrina mítica e as fataes margens de Ken.

«Três tiros foram feitos contra nós, quando cruzamos o canal, e um dos projecteis deu tão perto da canôa, que a agua nos salpicou a cara de uma chuva miudinha. Isto fez com que mais acelerassemos as remadas e endireitassemos o rumo á casa submarina, cujas portas de ferro se abriram para nos dar asylo.

«Clair-de-Lune estava ali de pé, immovel, sobre a borda do rochedo, com Dolly Venn a seu lado. Pareceu-me tambem vêr miss Ruth, olhando e observando, com o rosto cheio de anciedade, todo o vasto mar por onde vinhamos navegando.

«Como juncos piratas, occultos pelas rochas, a gente de Czerny, aguardava anciosa que entrassemos na claridade da lua para melhor nos atacar. Então, começaram a remar com toda a força direitos ao sitio onde navegavamos, soltando gritos selvagens como aquelles que já tinhamos ouvido quando nos achavamos fortificados na casa submarina. Os seus gritos, porém, não nos intimidaram. Sabiamos que olhos amigos e pontarias certas nos protegiam lá do recife, e, como rapazes que assolam os cães para os fazer zangar, na certeza de que lhe não chegam com os dentes, assim os piratas tinham a maior cautela em não se pôrem ao alcance da metralhadora.

Faziam fogo ao acaso, desesperados, mas as suas balas caíam no mar formando horbulhas na agua, e as lanchas não se aproximavam muito.

«Parecia já que iamos chegar sãos e salvos á nossa rocha, quando um marinheiro americano, estendendo os braços com um gesto horrivel, deixou de repente de remar e calu de costas para traz dentro do bote, sem pronunciar uma palavra.

«Fôra atravessado por uma bala e era já o segundo que morria por causa de Ruth.

«Domingo, ás cinco da manhã. — Pouco dormi durante as ultimas trinta horas, nem o poderei fazer agora, que nos encontramos na maior crise da nossa desgraça. E' uma manhã fria e tranquilla, carregada de nuvens para o Oriente, e as ondas batendo rithmicamente de encontro ás frestas da casa, como prenuncio de vendaval que interromperá este tão profundo silencio.

«Não posso explicar a mim proprio o que seria uma tempestade n'este momento, que provavelmente dispersaria as lanchas deixando-as á mercê do Oceano, e varreria o nevoeiro da ilha de Ken, mostrando-nos então os campos cheios de sol, e os formosos bosques que dão á ilha um aspecto maravilhoso em tempo normal.

«A razão diz-me que se tal succedesse, não seriamos nós que poderíamos ir até lá, porque viriam ter conosco os piratas de Czerny, e cada um de nós teria de lutar contra vinte d'elles.

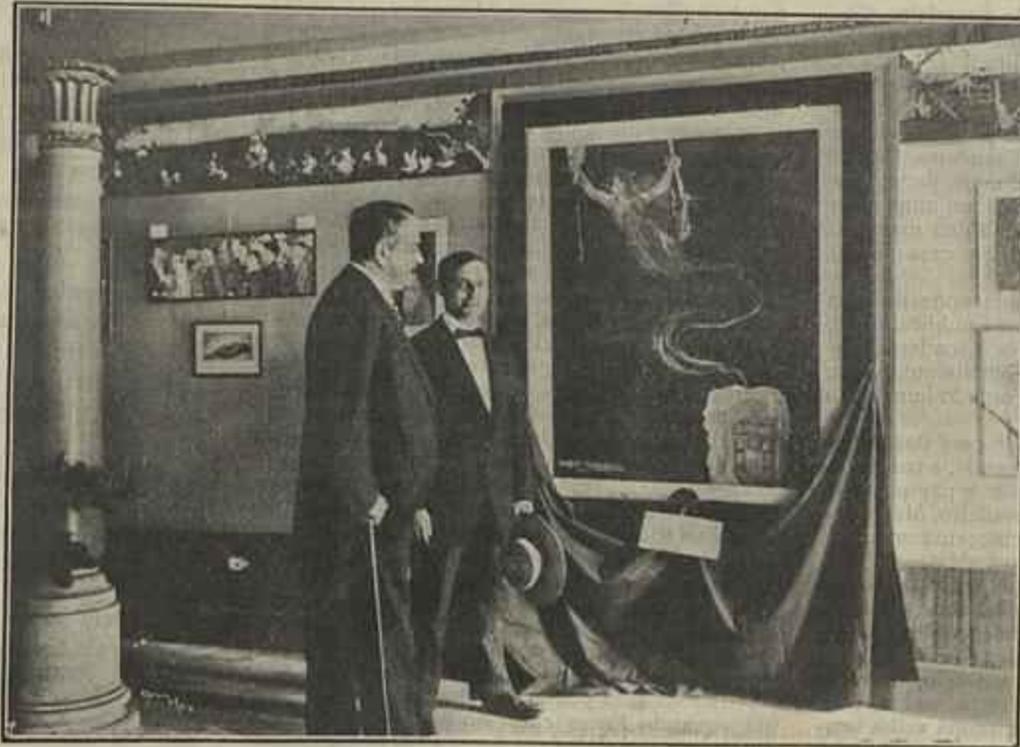
«Essa gente tem na ilha casas e armazens na época do sol, portanto ninguem poderá apoderar-se d'elles.

«Estremeço só de o pensar.

«As horas passam tão lentas... A'manhã saberemos o que devemos fazer.

«Penso em tudo isto, mas tenho outras coisas na imaginação que chocam umas com as

Exposição de Leal da Camara



LEAL DA CAMARA ACOMPANHANDO O SR. JOÃO CHAGAS NA VISITA Á EXPOSIÇÃO E MOSTRANDO O QUADRO ALEGORICO Á REVOLUÇÃO

outras; e parece-me não ser capaz de conseguir pôr tudo isto a claro, e encontro-me como um barco navegando sem bussula e fluctuando á mercê das ondas, no meio de grande vendaval.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

A Exposição de Leal da Camara

Tem sido a distracção mais preferida do publico de Lisboa a exposição de trabalhos de Leal da Camara, inaugurada ha dias no salão nobre do Teatros Nacional Almeida Garrett, e não é para menos essa exhibição de desenhos que vão desde a caricatura mais burlesca ou verrinosa, ás composições mais originaes e fantasiosas de Leal da Camara.

E' vêr a coleção da *Assiette au Beurre* em que passam á nossa vista personagens psicologicamente interpretados por Leal da Camara com o seu lapis originalissimo, como de resto se revela em toda a sua obra.

A sua alegoria á revolução portugueza é tão simples quanto intencional e de uma concepção originalissima. Destina-a ao Museu da Revolução.

Leal da Camara, a quem o OCCIDENTE já se referiu em on.º 1169, annunciando a sua chegada a Lisboa e as conferencias publicas sobre caricatura e caricaturistas, que realiso com exito, quiz agora mostrar ao publico da capital a serie de obras com que se notabilizou lá fóra e que de facto confirmam plenamente o seu talento e o nome glorioso que conquistou.

PUBLICAÇÕES

A *côrte de Junot em Portugal*, de Rocha Martins. — Edição da livraria Central de Gomes de Carvalho, Lisboa. — E' nos sempre grata a missão de apresentar á curiosidade publica trabalho que em si contenha a razão e o direito de ser lido. E estas occasiões são tão poucas!...

Está nestes casos o ultimo livro do sr. Rocha Martins, o auctor dos romances historicos *Bocage, Madre Paula* e tantas outras no genero.

Em *A córte de Junot em Portugal*, accentua Rocha Martins uma das suas grandes qualidades de escriptor: é a de se fazer entender do povo. O maior merito do homem de talento é vir ao encontro das multidões, insuflar-lhes na alma caprichosa o sopro divino d'uma ideia sã. Ter talento e não o dispendir largamente, seria um erro, se não fôsse um crime. Que vale um sabio na torre de marfim do seu silencio, absolutamente isolado da sociedade a quem podia ajudar? E' um ser inutil, n'um meio obscurecido, embora possua a cabeça interiormente illuminada.

Rocha Martins, com este seu novo trabalho, em bom estylo portuguez, inicia uma biblioteca popular de divulgação da nossa vida politica e social do tempo das invasões francezas e suas consequencias.

N'elle se destaca, com todo o peso d'uma vergonha, d'uma torpeza inqualificavel, o quadro da fuga de D. João VI para o Brazil. Se fôsse possível, analysariamos todo o livro, para que não restasse a menor duvida acerca do seu valor. Demais, o nome de Rocha Martins é bem conhecido em toda a parte onde a lingua portugueza é fallada.

O Brazil intellectual moderno, sobre tudo, conhece-o de ha muito, fazendo-lhe a devida justiça.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA A TOSSE

XAROPÉ PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 - LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis